

“BELEZAS DA PEDRA CAROÇUDA”: ARTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO-FORMAL NO SEMIÁRIDO

Isana Jesus da Silva ¹
Queli Priscilla Souza Silva ²
Eliane Maria de Souza Nogueira ³

RESUMO

Em consonância com a diversidade mundial de organizações da sociedade civil que colaboram para que as políticas de educação ambiental proponham e impulsionem alternativas à busca por harmonia com a natureza, a Associação de Arte, Educação e Agroecologia Jardim Arco-íris produziu a oficina de pintura “Belezas da Pedra Caroçuda”, no dia 25 de agosto de 2018, das 8h às 12h e das 14h às 17h, quórum de 15 crianças, dentro do critério etário multisseriado, entre 3 e 14 anos. A temática, que traduz o nome Itapicuru, atribuída ao município, arraigado à língua matriz Tupi, objetivou oportunizar diálogos e produções de pinturas retratando as memórias e a cultura local, a partir dos conhecimentos e a perspectiva deste público, sendo este, um caminho incipiente no processo de valorização e percepção de identidades, possibilidade de reconstrução de pertencimento com enfoque no meio ambiente, no semiárido. A metodologia que embasou a vivência foi a pesquisa-ação e a etnografia, uma vez que o caráter da sociedade civil se ancora na iniciativa ante situações-problema e a etnografia é salutar nesta apreensão, análise e discussão com os sujeitos. Foram produzidos registros fotográficos, audiovisual e a produção de painéis. A análise desta primeira etapa, dentre as seis planejadas coletivamente, é útil enquanto relatório de análise de experiência dentro deste sistema, aporte para difusão de novas proposições dentro e além deste mesmo espaço geográfico, com o intento de visibilizar as manifestações culturais, enquanto patrimônio, e o fomento à valorização das gerações presentes e futuras neste meio ambiente.

Palavras-chave: Memória, Identidades, Cultura, Pertencimento, Territorialidade.

INTRODUÇÃO

A atuação da sociedade civil organizada para a construção de uma educação ambiental participativa é um tema relevante tanto no mundo, quanto na América Latina e, mais especificamente, no Semárido Brasileiro em virtude de suas contribuições na fiscalização, controle e iniciativa afim de dirimir os grandes e devastadores problemas ambientais e suas consequências ao planeta Terra (PEREZ, 2019; Tristão e Tristão, 2016; Teixeira, 2016).

Flickinger (2018) afirma que "enquanto o convívio das culturas heterogêneas não fizer respeitar os princípios da tolerância mútua e do reconhecimento dos diversos costumes, ideais e convicções, o medo se expressará nos atritos e conflitos abertos, desafiando a sociedade civil e a política pública a procurar soluções". O papel do terceiro setor é fomenar a criação e

¹ Mestranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Uneb III, isa.jambo7@gmail.com

² Doutoranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Uneb III, quelipriscila@hotmail.com

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Uneb Campus III, emsnoqueira@gmail.com

acompanhar a implementação de políticas públicas, uma vez que, estes atores encabeçam a crítica dos fatos e fatores sociais e assumem posicionamentos comprometidos com a ação consciente em sentido holístico, nascedouro do entendimento de que ações locais tem efeitos globais, sobretudo, enquanto denunciadores dos crimes socioambientais.

Concomitantemente, são agentes de mudanças, promotores de projetos emergentes e estruturantes, desalinhados às demandas do sistema econômico degradante, que por vezes, prevalece em seus ditames que oprimem populações, tidas como marginais, sendo este um trajeto de luta destes povos contra a censura e as injustiças e em favor do estabelecimento da igualdade, da acessibilidade e do direito à vida, considerando a complexidade incutida nos pilares da educação, do meio ambiente e da saúde, fazendo cumprir a Lei nº. 9.795/1999 que versa sobre as Políticas de Educação Ambiental em Espaço-não formal (BRASIL, 1999; GADOTTI, 2001/2009; FREIRE, 1987/1996).

Para Teixeira (2016) o sertão do semiárido nordestino é “território com um histórico social de organização de espaço, associado aos problemas do meio ambiente”. Por fazer parte deste complexo panorama, é que foram criados microprojetos pautados na educação ambiental para tentar dirimir estes gargalos. Colabora ainda Teixeira (2016) elucidando que “este espaço social está passando por um processo de reorganização, quando o observamos sob a ótica da valorização do meio ambiente, que antes era depreciada”.

O que se buscou nesta experiência de pesquisa-ação foi fomentar o reconhecimento das belezas do lugar enquanto meio para a elevação da auto-estima dos sujeitos, a partir da percepção de suas especificidades, com uma ação participativa e reforço aos 5Rs (Repensar, Reduzir, Recusar, Reutilizar e Reciclar) enquanto bases para que seja uma alternativa que incite mudanças no território, criando um núcleo de diálogos, estudos, parcerias e construções de alternativas para a identificação, compreensão e tentativa de dissolução destes gargalos de forma diferenciada, pois, o município de Itapicuru possui população de 32.261 pessoas, PIB per capita de R\$ 10.220,81, ocupando o 3º lugar na microrregião, o 113º no Estado da Bahia e o 3835º no país, quando, no ano de 2017 foi realizado um estudo em que desponta com o menor IDHM da Bahia (SANTOS *et al*, 2017; IBGE, 2010).

Neste constructo, o projeto social incipientemente intitulado “Garagem Arco-íris” surgiu com a intenção de contribuir à elevação dos baixos índices de desenvolvimento humano, por meio das linguagens de arte, educação ambiental e pedagógica contextualizada e a partir das experiências empíricas, concatenando agroecologia, sustentabilidade e economia

criativa, obteve alguns produtos sociais que impulsionam as novas ideias, propostas e planejamentos no sentido de continuar a luta e a resistência neste contexto.

A identidade visual, conforme Figura 1, foi dialogada e dentro de uma proposta de abertura à diversidade, a acessibilidade e a participação de todos os sujeitos, além do compromisso com a integração dos diferentes, a partir da auto-valorização enquanto ser-estar individual e valorização de suas potencialidades, natas ou adquiridas.

Figura 1 – Identidade Visual Idealizada Coletivamente



Fonte: Banco de Dados da Associação de Arte, Educação e Agroecologia Jardim Arco-íris

O objetivo deste trabalho é analisar os primeiros resultados obtidos com a oficina de pintura, que transversaliza a percepção das crianças sobre o meio ambiente com a revelação de suas identidades, memórias, cultura e pertencimento local.

A intenção foi que a experiência proporcionasse reflexões sobre ações antigas, enquanto patrimônio cultural, e visões contemporâneas, para propor, efetivar e avaliar as inovações, por meio de escutas e discussões. Além desta vivência, no decorrer de um ano foram criados microprojetos que culminem em produtos artísticos à luz do cenário ambiental, no sentido de reconhecer, valorizar e difundir os conhecimentos populares e a cultura popular do povo itapicuruense. Neste artigo, a tônica está restrita à oficina de pintura.

METODOLOGIA

A pesquisa-ação parte da origem, desde quando o projeto social “Garagem Arco-íris” foi desenhado apenas como uma alternativa para crianças que vagavam na praça à mercê de violências simbólicas e físicas. À *posteriori* nasceu a Associação de Arte, Educação e Agroecologia Jardim Arco-íris se estruturou e construiu o planejamento participativo, constituído por 7 etapas contínuas, sendo este artigo o produto da primeira a *Oferta de oficinas, cursos, palestras, cineclube e discussões sobre educação ambiental por meio das linguagens artísticas*;

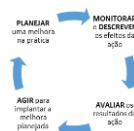
A estruturação das intenções, planejadas dentro de uma projeção de longo prazo, concatena ideias, experiências, pessoas da organização e colaboradores externos, constitui uma nucleação para que a Associação de Arte, Educação e Agroecologia se sustente no tempo

e espaço, ainda que, naturalmente, ocorram as eventualidades, que, desafiam e oportunizam o enriquecimento da história e da luta desta coletividade, imbricada na aplicação de uma educação ambiental cidadã.

Ante o contexto complexo do semiárido no *locus* de trabalho, é passível de diálogo, reflexões e proposições de uma nova percepção e construção de ideais e práticas, por meio do planejamento de soluções, implementações e avaliação da eficácia, conforme Diagrama 1 (TRIPP, 2005).

A premissa do trabalho se desenha no sentido de valorizar o território enquanto espaço de pertencimento e por isto, requer gestão participativa e preservação contínua. O meio ambiente é, pois, a interface que desnuda problemas e soluções, interferido por ações antrópicas, onde se ancoram as memórias, construídas socialmente, dentro dos marcos históricos de manifestação da cultura popular.

Diagrama I: Ciclo Básico de Investigação-ação



Fonte: Tripp, 2005.

O cruzamento entre as metodologias de pesquisa-ação e etnometodologia se justifica pela abrangência da ação pesquisada, revelando um caráter interdisciplinar, rico em significados e passível de contribuições construídas com a participação dos sujeitos envolvidos (ALAIN COLON *apud* GARFINKEL, 1995).

A oficina de pintura “Belezas da Pedra Carocuda” ocorreu no dia 25 de agosto de 2018, quis enfatizar as belezas naturais do lugar, começando pelos sujeitos participantes do trabalho, suas semióticas e preferências relacionadas às manifestações culturais no município, bem como, os espaços sociais e naturais por eles reconhecidos e representados nos painéis.

No matutino, das 8h às 12h, foram observadas as respostas sobre a autoimagem projetadas no espelho, apresentadas as técnicas de pintura e produzidos os painéis em equipe, ao passo que ocorreram diálogos semi-direcionados às perguntas da entrevista (realizada no dia 1 de setembro de 2018) e, no vespertino, das 14h às 17h, houve a exposição dos painéis com a descrição de cada artista a respeito da colaboração ao conjunto da obra e, por fim, confraternizaram, como de costume, homenageando os aniversariantes do mês.

Esta pesquisa se nutre ainda dos princípios da Etnografia, utilizando-se do diário de pesquisa e gravador de voz como ferramentas basilares para armazenar os discursos dos sujeitos na hora da entrevista quanto para, a partir de suas respostas, analisar o conteúdo

apresentado e o alinhamento destes aos conceitos de identidade, memória, cultura e pertencimento, atrelando estes conceitos às técnicas de pintura no retrato do meio ambiente local, a partir da percepção dos sujeitos-oficineiros (Hall, 2006; Halbwachs, 2003; Gueertz, 2013; Cardoso et al, 2017, Bardin, 1995; Matos e Castro, 2011; Fonseca et al apud Freitas e Leão, 2018).

A artista-mediadora esteve solícita aos questionamentos do público, tanto na chegada quanto no deslocamento a pé, até sede da associação. Esta abordagem acolhedora tinha como propósito criar relações de amistosidade e empatia, um passeio amigável, a fim de que, na hora da prática, houvesse liberdade para questionar e formular respostas às perguntas-geradoras, entrecruzadas às técnicas de pintura por ela demonstradas, voltadas ao tema.

O público, total de 15 crianças, entre 3 e 14 anos, sendo 8 meninas e 7 meninos, sendo dois com 3 anos, residente da Rua do Cruzeiro, por vezes reconhecida como subúrbio ou zona periurbana do município, dado o baixo poder aquisitivo e distância relativa do centro. Houve deslocamento a pé à sede, onde a oficina ocorreu no espaço externo, ao ar livre e em contato com a natureza, para propiciar a sensação de liberdade criativa às crianças participantes.

Por meio de doações, alguns materiais foram conquistados e utilizados: 2 Espelhos médios (para que as crianças pudessem visualizar sua imagens projetadas e a partir desta observação, perscrutarmos sobre sua autoimagem), 15 pincéis médios, 15 lápis com borracha, 5 tintas médias (azul, vermelho, amarelo, preto e branco), 4 cartolinas, 3 mesas dobráveis e uma de madeira (para as crianças de 3 anos), 13 bancos de plástico e 2 de madeira, copos plástico reutilizáveis, tampas de potes reutilizáveis e água.

DESENVOLVIMENTO

Algumas ideologias foram escolhidas para fundamentar da intenção da oficina “Belezas da Pedra Carocuda” que, por meio da linguagem da pintura, tentou traduzir uma visão holística sobre o meio ambiente, a partir do esteio teórico-pedagógico e da didática escolhida pela mediadora, construída dinamicamente com os sujeitos, discutindo questões sociais, políticas e culturais da história do município.

Tomamos por base as ideias de Paulo Freire (1987; 1996) enquanto pulso gerador da pesquisa-ação, em sentido geral e específico da oficina. Partiu dos sujeitos idealizados e o público ao qual a ação se direcionou, ambos pertencentes ao contexto de complexas relações de poder e resistência, no intento de colaborar para a expansão de consciência planetária.

Quisemos apresentar às crianças as ideias de universo a partir dos princípios do respeito, da dignidade, da livre expressão e da reflexão sobre as ações cotidianas (MONTESSORI, 2014). Steiner (2008) destaca que “nós podemos incentivar este livre desenvolvimento propiciando ao ser humano a mais abrangente sensibilidade possível para o belo”.

A partir da memória, quisemos conhecer os marcos culturais que os sujeitos valorizam e estes foram convidados à representação com arte, concomitante às pinceladas fatos sociais para desnudar as relações políticas e econômicas de mais-valia, para sondar se há uma convergência deste ideal com a perspectiva dos sujeitos (LUCK, 2013; SAVIANI, 2008),

O reforço à habilidade de expressão do belo foi embasada também na teoria das Inteligências Múltiplas, desenvolvida por Howard Gardner (1997:85) destaca que “mesmo um artista talentoso deve começar com esquemas simplificados, isto é, em uma forma ou conjunto de sinais que "representam" um objeto do mundo real”. Sales e Araújo (2018) salientam que “o conceito de inteligência está relacionado à capacidade de solucionar problemas e elaborar produtos que sejam importantes em um determinado ambiente ou comunidade cultural” Para Lima (2009:86) a motivação para criar parte de uma “rebelião a seu destino mortal” e que “a criação faz parte de seus sistemas inconscientes de equilíbrio”. Deste modo, quisemos mediar o contato com sua subjetividade particular inbricada à relação com o meio ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Previamente, foram analisados alguns fatores sociais e a oficina foi o meio para dialogarmos, para iniciar a desconstrução de resistências e criarmos parcerias. Internamente, as forças traduzidas na articulação e permanência dos pares e a fraqueza no entendimento incipiente e condicionado, típico da educação formal, em contraponto à autonomia e o senso de participação sociopolítico dos sujeitos, comum à educação não-formal, e externamente, as oportunidades de parcerias, a utilização de espaços sociais e as ameaças de violência em sentido simbólico, foi o bojo complexo que tivemos ciência antes de adentrar na experiência da oficina.

Contudo, estivemos atentos, observando e questionando de forma direta, implementando reflexões para novas formas de pensar e agir. Para além da subjetividade individual, percebemos que o contato social permitiu revelar, refletir, apreender e praticar expansão de consciência cidadã, de forma interdisciplinar, com foco em educação ambiental.

A entrevista ocorreu de forma livre. Alguns questionamentos foram feitos pela mediadora e outros trazidos após a experiência. Tiveram como eixos: Afirmações Fenotípicas, Diversidade e Alteridade (Gráfico 1); Pertencimento (Gráfico 2); Patrimônios Culturais do Local da Pesquisa (Gráfico 3); Manifestações Culturais (Gráfico 4); Percepção sobre o Meio Ambiente (Gráfico 5) e , por fim, Feedback da Vivência de Pintura (Gráfico 6).

Quando questionadas sobre “qual a sua cor?” (Gráfico 1), as crianças tomaram como referência a informação contida na certidão de nascimento, demonstrando a subalternidade e a superficialidade no sentido de entender as implicações históricas que existem dentro do tema relações étnicas e supremacia da economia.

A mediadora teceu reflexões no sentido de pensar a cor além da corriqueira associação ao documento e à cor rosa. Demonstrou que as tintas, em proporções específicas, criam novas cores, com tonalidades únicas, do mesmo modo que a escala fenotípica no Brasil é rica em diversidade, embora tenha sido imputada o branqueamento, um dos argumentos para dizimar povos nativos indígenas e ancestrais negros, corroborado a necessidade de aplicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no Artigo 26-a.

Especificamente, no parágrafo 4º, esclarece que “o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia”. Com a vivência, tentamos promover diálogos no sentido de assumirmos a alteridade enquanto “postura pedagógica para cumprir essa tarefa: reconhecer o direito do outro de ser diferente e responsabilizar-se pela sua integração sociocultural” (FLICKINGER, 2018).

O diálogo e escuta foi fomentado enquanto caminho à acessibilidade e permanência dos sujeitos, em detrimento da cultura do preconceito, da violência física e simbólica (BOURDIEU, 1989).

Gráfico 1 – Afirmações Fenotípicas, Diversidade e Alteridade



Fonte: Banco de Dados da Associação de Arte, Educação e Agroecologia Jardim Arco-íris, 2018.

Tomando por base o percentual de 47% de afirmativa de cor parda, podemos notar os argumentos que reforçam a ideia de preconceito racial simbólico, inculcado no ideal branqueador, difundido dentro do histórico de educação tradicional brasileira, trazendo à tona a necessidade de continuarem as reflexões a este respeito. Entendemos que a relação exógena

dos sujeitos, ou seja, a visão sobre o meio ambiente e no interesse por sua preservação, esta atrelada à imagem que estes têm de si, implicando diretamente na noção de pertencimento (Gráfico 2).

Alguns sujeitos ainda fizeram apologia à família, reforçando que a cor não é algo que eles tenham escolhido, antes herdado pelos descendentes, por força hereditária. Guimarães (2004) afirma que “o racismo surge, portanto, na cena política brasileira, como doutrina científica, quando se avizinha à abolição da escravatura e, conseqüentemente, à igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e mesmo entre estes e os africanos escravizados”. Diante de tal contexto, procurou-se enfatizar que a beleza transcende a categorização que, superioriza ou inferioriza pessoas, com base em tons de pele.

Transcendendo a discussão, foi apresentada a possibilidade de identificação com variadas cores para se auto-definir. A questão da diversidade identitária como um traço da cultura pós moderna, onde os sujeitos não detêm apenas uma mas várias identidades em movimento, construídas e desconstruídas, ao passos que há uma abertura para a integração, desconstrução e reconstrução de novas perspectivas em simbiose (HALL, 2006).

Gráfico 2 – Pertencimento



Fonte: Banco de Dados da Associação de Arte, Educação e Agroecologia Jardim Arco-íris, 2018.

Aquilo que nos representa, que é aceito pela nossa capacidade de perceber, discernir e realiar é naturalmente acolhido. O oposto, manifesto consciente ou inconscientemente, origina as resistências, os preconceitos e a falta de empatia e zelo entre sujeitos sociais.

O município tem um histórico marcado pela colonização, que engrandece alguns até a contemporaneidade e silencia as marcas de sangue dos genocídio indígena e da escravidão dos afrodescendentes. O que parece ser válido neste cenário ainda é arraigado aos ideias europeus, refletindo sobremaneira na baixa auto-estima da cidade (Alvarenga, 2015;Carvalho, 2008; Carvalho Júnior, 2006). No Gráfico 2 foi atribuído o critério de associação entre a avaliação gosto muito, como excelente; gosto, como bom; gosto um pouco ou mais ou menos, como regular, para apontar o nível de satisfação e pertencimento dos sujeitos com o seu lugar.

Em continuidade, quando questionádos sobre “Quais os lugares mais belos da sua cidade” os sujeitos da pesquisa apontaram espaços sociais de interação e realização de eventos culturais (conforme Gráfico 3), demonstrando que, embora tenha sofrido violência psicológicas e físicas, ainda conservam a convivência enquanto meio de construção social,

diferente dos grandes centros onde a individualidade exacerbada, ilham as pessoas em seus mundos (Bauman, 2004).

Gráfico 3 – Patrimônios Culturais do Local da Pesquisa



Fonte: Banco de Dados da Associação de Arte, Educação e Agroecologia Jardim Arco-íris, 2018.

Fizeram uma relação direta entre locais, bem estar e memórias socioafetivas. Esta expressão nos parece natural e saudável, pois, os sujeitos se constroem nas relações sociointeracionistas. Halbwachs (2003:157) pontua que “nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros”. Quadros *et al* (2019) elucidam:

“Quando temos um enriquecimento quer por meio da linguagem e da criatividade, quer por meio da arte, dos saberes e das manifestações artísticas, quer por meio da cultura e de um conjunto propriamente Meio ambiente cultural, ecológico ou científico que “[...] traduz a história de um povo, a sua formação, cultura e, portanto, os próprios elementos identificadores de sua cidadania [...]” (Fiorillo, 2017, p. 11), temos, efetivamente, uma visão do Meio Ambiente Cultural associada e compreendido a partir da própria noção de cidadania”.

Deste modo, esta primeira experiência possibilita uma discussão incipiente sobre patrimônio cultural a partir da perspectiva dos sujeitos, constituindo uma oportunidade de difusão e problematização a respeito do tema, uma vez que o papel da pesquisa é justamente promover as discussões em sociedade.

Esta relação com o patrimônio cultural ainda pode ser percebida nas respostas das crianças, quando questionadas sobre “Quais momentos você mais gostou de viver aqui na sua cidade?”. Mais uma vez às relações socioafetivas entrecruzam-se com as manifestações culturais calendarizadas (Gráfico 4), pois, sentido de pertencimento e identidade estão imbricados, são indissociáveis e ganham sentido e valor para estes sujeitos.

Gráfico 4 – Manifestações Culturais



Fonte: Banco de Dados da Associação de Arte, Educação e Agroecologia Jardim Arco-íris, 2018.

O acesso a estes locais repetidamente, configura um hábito, uma afinidade e uma criação de sentido cada vez mais profundo, considerando variáveis geográficas, sociais, econômicas e políticas.

Miguel e Popadiuk (2019) esclarecem que “Os signos funcionam como mediadores entre o homem e o mundo, criados pelo ser humano através do processo interpretativo” e que “essa criação acontece através do conhecimento gerado, especialmente aquele tipo de conhecimento que a mente humana captura e desenvolve, mas não necessariamente consciente”.

Desta forma, a cultura é criada a partir das transformações históricas, artísticas, dando forma à visão identitária com a nação dentro de um locus situado numa região categorizada, também considerando as raças e as linguagem. Ortiz (2008) corrobora que “os universos simbólicos “nomeiam” as coisas, relacionam as pessoas, constituem-se em visões de mundo”.

A percepção sobre meio ambiente, de acordo com Ribeiro e Cavassan (2013) perpassa 4 dimensões (filogenética, ontogenética, sociogenética e microgenética) e estes aspectos orgânicos, psicológicos e sócios-históricos influenciarão a relação dos seres humanos com o meio ambiente. Os mesmos autores *apud* Tuan (2013) afirmam que o senso de meio ambiente perpassa as esferas da arte, da educação e da política (Gráfico 5). Acredita-se que a percepção dos sujeitos pode representar uma ferramenta de apoio à gestão do meio ambiente, e subsidiar um processo participativo para uma gestão compartilhada entre poder público e sociedade.

Gráfico 5 - Percepção sobre o Meio Ambiente



Fonte: Banco de Dados da Associação de Arte, Educação e Agroecologia Jardim Arco-íris, 2018.

Quando questionados sobre “O que você percebe sobre o meio ambiente na sua cidade?” revelaram uma percepção com base nas histórias de vida, em que, aquele que passa mais tempo na roça, referenciou a fauna e a flora e aqueles que contactaram a cidade, apontaram as construções e a diversidade ambiental.

Embora este artigo enfoque a Oficina de Pintura Belezas da Pedra Carocuda, faz-se vital destacar que outros microprojetos foram realizados na associação, tentando discutir e enraizar práticas cotidianas de educação ambiental, voltadas à coleta seletiva, ao reuso de resíduos domésticos para produção de trabalhos artísticos, além da experiência de quintal produtivo. A agroecologia é uma bandeira de luta da associação e, segundo Caporal e Costabeber (2002) é

”a idéia e a expectativa de uma nova agricultura, capaz de fazer bem aos homens e ao meio ambiente como um todo, afastando-nos da orientação dominante de uma agricultura intensiva em capital, energia e recursos naturais não renováveis,

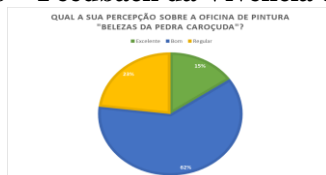
agressiva ao meio ambiente, excludente do ponto de vista social e causadora de dependência econômica.

As conversas que permearam a vivência da oficina trouxe a riqueza de conhecimentos tradicionais do local e a abordagem sobre agroecologia quando as memórias dos sujeitos os conduziram aos espaços do campo, lugar de origem de seus ancestrais e parte de seu crescimento, enquanto camponeses alocados num espaço periurbano. Arroyo et al (2011:137) afirma que “o campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de que tem o seu lugar, a sua identidade cultural” e Capra (2019:49) que “para entender os princípios da ecologia é preciso uma nova maneira de ver o mundo e de pensar – em termos de *relações, conexões e contexto* – o que contraria os princípios da ciência e da educação tradicionais do Ocidente”.

Esta visão do mundo contribui significativamente na educação atual para a preservação do meio ambiente. Gadotti (2001) pontua: “a preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação”. Para o autor a ecopedagogia é uma nova vertente de pedagogia para a “promoção da aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana”.

Quisemos sondar a satisfação dos sujeitos, tanto com as discussões a partir da temática e as técnicas ensinadas pela mediadora para a produção dos painéis (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Feedback da Vivência de Pintura



Fonte: Banco de Dados da Associação de Arte, Educação e Agroecologia Jardim Arco-íris, 2018.

Com uma margem significativa de 77% avaliando a experiência positivamente, é possível perceber que o público tem proatividade. Quando questionados sobre “o que aprendeu nesta oficina de pintura?”, enfatizaram facilidade de apreensão das técnicas de pintura e criação de matizes a partir da mistura de cores.

Ao entremear a experiência com conversas, antes, durante e depois, foi possível lograr êxitos em três esferas: aprendizado de técnica artística, expressão da sensibilidade do público e reflexão-ação sobre humano-meio ambiente.

No Quadro 1 podemos contemplar o produto imagético, produzido pelas crianças nos painéis coletivos de representação das “Belezas da Pedra Carocuda”.

Quadro 2 – Desenhos Produzidos Pelas Crianças na Oficina de Pintura



Fonte: Banco de Dados da Associação de Arte, Educação e Agroecologia Jardim Arco-íris, 2018)

É possível perceber elementos da fauna, da flora, seres humanos e representações folclóricas. Gueertz (2013) pontua que ideias e crenças “podem ser relacionadas com a realidade numa dupla forma: com os fatos da realidade ou com os anseios que essa realidade, ou a reação a essa realidade, faz surgirem”.

Estes primeiros grafismos tem um sentido simbólico, que valoriza tanto o potencial artístico quando a capacidade cognitiva e representativa dos sujeitos. Fogliano (2015:6) afirma que “o desenvolvimento das artes é parte integrante de nossa história evolutiva, podendo ser considerado como parte de estratégias adaptativas ao meio ambiente”. Esclarece, por conseguinte, que “nossos traços evolutivos emergiram para permitir a sobrevivência individual e da espécie desde nossa existência em ambientes ancestrais”.

O modo como cada pessoa utiliza os cinco sentidos está arraigado ao bojo que configura a personalidade. Ribeiro e Cavassan *apud* Tuan (2013:22) pontuam que a “individualidade, muitas vezes, transcende as forças culturais e cada indivíduo responde ao lugar e atribui valor a ele de maneira diferente”. Conseguimos com a oficina de pintura Belezas da Pedra Carochuda criar um lugar próprio para discussões, com base em respeito a individualidade e integração da diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na vivência foi possível inferir que estas discussões estão em um processo inicial, contudo, esta estapa tem o potencial de promover significativas mudanças

socioambientais, a partir da ampliação da visão dos sujeitos sobre si, seu papel social e, sobretudo, por meio de práticas alinhadas e conjuntamente ancoradas nas leis de base para educação ambiental, com uma inclinação à agroecologia, enquanto alternativa de sobrevivência, em detrimento da cultura do envenenamento e destruição de vidas e recursos naturais em larga escala.

O fomento às artes foi interessante enquanto oportunidade de ampliação de sentidos e significados sobre o tema e suas implicações subjetivas, constituindo-se em uma estratégia, para revelados os potenciais dos estudantes e a promoção da beleza; e “terapia” individual e coletiva, para a quebra da cultura do silenciamento de suas vozes.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, R. Direitos humanos, alteridade e questão indígena: os limites da fundamentação liberal. RIDH, Bauru, v. 3, n. 2, p. 147-167, jul./dez. 2015. Disponível em: < <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/download>>. Acesso em: 8/10/2019.

ARROYO, M. G; CALDART, R. S; MOLINA, M.C. Por uma Educação Básica do Campo. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1995. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa_%20edi%C3%A7%C3%B5es%2070%2C%20225..pdf>. Acesso em: 2/3/2019.

BAUMAN, S. Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos. São Paulo/SP: Zahar, 2004.

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Editora Difusão Editorial LTDA. Lisboa, 1989. Disponível em: < <http://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf>>. Acesso em: 2/3/2019.

BRASIL, Lei nº. 9.795, de 27 de abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em: 2/5/2017.

_____. **Lei nº. 6.938, de 31 de agosto de 1981. Política Nacional do Meio Ambiente.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6938.htm>. Acesso em: 2/5/2017.

_____. **Lei nº. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 2/5/2019.

ARROYO, M. G CALDART, R. S; MOLINA, M. C. Por uma Educação Básica do Campo. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011.

CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. Agroecologia. Enfoque Científico e Estratégico. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.2, abr./junh.2002. Disponível em: < <http://coral.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/31.pdf>>. Acesso em: 8/3/2019.

CAPRA, F. Alfabetização Ecológica: A educação das Crianças para um Mundo Sustentável. São Paulo/SP: Cultrix, 2019.

CARVALHO, A. M. P. D. O Velho Itapicuru: A História de um Passado de Glórias. Edição Comentada, 280 anos. Gráf Color – Gráfica e Editora, 2008.Vozes, 2008.

COULON, A. Etnometodologia. Editora Vozes: Petrópolis/RJ, 1995.

DUARTE, A. P. M; CARNEIRO, V. M. O. Contribuições para Construção de um Currículo Contextualizado para o Semiárido. Rio de Janeiro/RJ: Editora Curviana, 2013.

FLICKINGER, H. G. Educação e Alteridade em Contexto de Sociedade Multicultural. Cadernos de Pesquisa v.48 n.167 p.136-149 jan./mar. 2018. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/v48n167/1980-5314-cp-48-167-136.pdf>>. Acesso em: 4/10/2019.

FOGLIANO, F. Arte e Interação: Linguagem e Produção de Significado. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ars/v13n25/1678-5320-ars-13-25-00134.pdf>>. Acesso em: 10/8/2019.

FONSECA, S. M. M. SILVA, A. LEITE, E. F. Fotografia: Uso e Possibilidades com Método de Pesquisa em Administração. Discursos fotográficos, Londrina, v.14, n.24, p.171-199, jan./jun. 2018. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/28723>>. Acesso em: 18/9/2019.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro/RJ. Editora Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo/SP: 25ª Edição, Editora Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. Pedagogia da Terra: Ecopedagogia e Educação Sustentável. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires/Argentina: 2001. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010031842/4gadotti.pdf>>. Acesso em: 1/6/2019.

_____. **Educar para a Sustentabilidade: Uma contribuição à Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável.** São Paulo/SP: Editora e Livraria Intituto Paulo Freire, 2009.

GARDNER, J. Arte, Mente e Cerebro – Una aproximación cognitiva a la creatividad. 7ª edição, Argentina, 1997. Disponível em: <<https://mediacionartistica.files.wordpress.com/2012/11/arte-mnente-y-cerebro.pdf>>. Acesso em: 30/7/2019.

GUEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro/RJ: LTC, 2013.

HALL, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro/RJ: DP&A, 2006.

HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo. Centauro, 2003.

LIMA, C. C. Linguagens e Estilo. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/jvjh7/pdf/lima-9788579830402-03.pdf>>. Acesso em: 2/5/2019.

LUCK, H. A Gestão Participativa na Escola. 11ª Ed, Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

MATTOS, C.L.G; CASTRO, P.A. Etnografia e Educação: Conceitos e Usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>>. Acesso em: 2/5/2019.

MIGUEL, L. A. P; POPADIUK, S. A semiótica do compartilhamento de conhecimento tácito: um estudo sob a perspectiva do interacionismo simbólico. Cad. EBAPE.BR, v. 17, nº 3, Rio de Janeiro, Jul./Set. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v17n3/pt_1679-3951-cebape-17-03-460.pdf>. Acesso em: 2/9/2019.

MONTESSORI, M. Para Educar o Potencial Humano. São Paulo/SP: Papyrus, 2014.

ORTIZ, R. Cultura e Desenvolvimento. Políticas Culturais em Revista, 1(1), p. 122-128, 2008. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3194/2304>>. Acesso em: 4/10/2019.

PEREZ, M. E. C. La participación ciudadana de los movimientos socioambientales en América Latina. Rev. colomb. soc., Volumen 42, Número 1, p. 135-156, 2019. Disponível em: <<https://revistas.unal.edu.co/index.php/recs/article/view/73023>>. Acesso em: 10/9/2019.

QUADROS, E. M; NUNES, R. C. S; NOVAES, L. P. Refletindo sobre o Meio Ambiente Cultural. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 41, e44820, 2019. Disponível

em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/44820/pdf>>.

Acesso em: 30/10/2019.

SANTOS, E. I; CARVALHO, I. C. S; BARRETO, R. C.S. Pobreza multidimensional no estado da Bahia: uma análise espacial a partir dos censos de 2000 e 2010. FVG/EGAPE. REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA | Rio de Janeiro 51(2):240-263, mar. - abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122017000200240&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10/9/2019.

SAVIANI, D. História da História da Educação no Brasil: Um Balanço Prévio e Necessário. Conferência de abertura do V Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares. São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/saviani-histc3b3ria-da-histc3b3ria-da-educac3a7c3a3o-no-brasil-um-balanc3a7o-prc3a9vio-e-necessc3a1rio.pdf>>. Acesso em: 30/7/2019.

STEINER, R. O Desenvolvimento Saudável do Ser Humano. São Paulo/SP: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2008.

TEIXEIRA, M. N. O Sertão Semiárido. Uma relação de sociedade e natureza numa dinâmica de organização do espaço. Revista Sociedade e Estado, Vol. 31, nº. 3, Set-Dez/2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n3/0102-6992-se-31-03-00769.pdf>>. Acesso em: 2/5/2019.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Universidade de Murdoch - Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo/SP: Educação e Pesquisa, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 2/5/2017.

TRISTÃO, V. T. V. e TRISTÃO, J. A. M. A Contribuição das Ongs para a Educação Ambiental: Uma Avaliação da Percepção dos Stakeholders. Ambiente & Sociedade n São Paulo v. XIX, n. 3 n p. 47-66 n jul.-set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v19n3/pt_1809-4422-asoc-19-03-00047.pdf>. Acesso em: 8/5/2019.